

Discurso de Posse

Presidência

Academia Nacional de Medicina

Acadêmico Jorge Alberto Costa e Silva

Julho 2017

Há 35 anos chegava eu a esta Academia, numa noite de inesquecível emoção, e no meu discurso de posse comparava a felicidade daquele momento ao de Ulisses arribando ao solo de sua Ítaca querida. Beijou-lhe o solo por três vezes. Chegara ao fim de sua odisseia.

Na comoção inenarrável do beijo de Ulisses, concentra-se toda a gama emotiva, todo o júbilo, toda a força construtiva dos que, após largos e porfiosos trabalhos, alcançaram, por fim, a meta tão almejada e procurada.

Eu estava transpondo os umbrais da Academia Nacional de Medicina, casa de tradição e respeito, preso de funda emoção de me ver incluído como par de tantos ímpares. Ao meu jeito, mas inspirado em Ulisses e na sua determinação, eu tocava as praias da minha Ítaca - e nisto, com isto, e por isto, também lhe beijava o solo, bendizendo a Deus e abençoando a Pátria.

Era um momento de especial regozijo, uma festa do coração que sorri, mas também da inteligência que pensa e no futuro medita. Julguei a honrosa escolha menos por uma perspectiva

de méritos pessoais do que por uma dimensão de luta, esforço, dedicação, elementos que pontilharam minha vida no que concerne o doente mental e o ensino de psiquiatria e medicina em nosso país e no exterior. Lembrei de Chesterton: "O homem é o filho do obstáculo".

Eu estava tomado pela emoção e também pela certeza de ter feito o caminho correto até esta praia maravilhosa. Um caminho que não poderia ser outro senão o guiado pela determinação em transformar o nosso bem no bem de todos. Assim somos, assim seremos até o fim: um complexo mosaico de inúmeras peças que nos antecederam. As migalhas das perfeições dos ancestrais não nos informa unicamente da sua própria riqueza, mas da riqueza comum. Assim somos, um em todos, todos em um.

Eu era um jovem médico aos 40 anos de idade, tomado pela imensa glória de ser recebido no mesmo espaço em que meus heróis estiveram e ao mesmo tempo premido pela necessidade da construção de um futuro.

O futuro, hoje eu sei, é um processo.

Ele não se faz com ideias temerosas de segurança, nem empurrado pela ousadia irracional, sem possibilidade de resposta. O futuro é uma abstração que não chega nunca. Ai de quem sonha em construir algo e, satisfeito, terminar. A "imortalidade" de 35 anos atrás era apenas o início de um futuro, assim como hoje, ao tomar posse na presidência desta nobre Academia Nacional de Medicina, se inicia outro, num maravilhoso infinito de projeções que me acompanha desde a infância.

Em criança, fascinado pelo céu à noite, eu queria ser astrônomo, mas decidi pela medicina. Fiquei fascinado pelo cérebro, pela mente humana, e vi que não estava muito longe da minha pretensão original. Todo o Universo está aqui dentro da minha cabeça. Gerald Edelman, Prêmio Nobel, de quem eu tive o privilégio de ser amigo, escreveu um livrinho chamado *Wider than the sky*. "Maior que o céu", na definição dele, é o cérebro - e eu vi que continuava no meu caminho.

Virei um astrônomo, um astrônomo da mente humana. Sou o astrônomo do microcosmo que engloba o macrocosmo, astrônomo do infinito dentro do finito.

Esta ausência de limites me faz, a propósito, lembrar que não é por acaso que a Academia, fundada sob a inspiração da Academia Francesa, empossa sua diretoria neste emblemático calendário de 14 de julho. O sonho da revolução francesa, de liberdade, igualdade e fraternidade, persiste como a grande ambição humana, as palavras de toque para a construção da sociedade. Temos que nos amar mais, e isso não é apenas uma afirmação sentimental. É um dado da realidade, da nossa sobrevivência como grupo. A foz da verdadeira generosidade e do entusiasmo criativo.

Em meu livro "A doença e o doente mental, os limites da psiquiatria", de 1979, eu digo que a vida do homem possui uma significação singular dentro da realidade do Universo. Ela sofre o impacto do tempo, flui, é futuro, possibilidade, o que vai e o que todavia não é. A vida humana é

essencialmente diferente das demais esferas da realidade. A vida humana não é a vida de Descartes, mas a vida de Pascal.

O homem de Descartes é o homem montado pela junção de partes. Primeiro, o pensamento, depois, a alma unida ao corpo e depois, as paixões. É o homem analítico, de laboratório, anti-histórico, sem comunicação com os outros, sem comunicação com o Universo.

O homem de Pascal, ao contrário, é o homem que vive e palpita, o homem que arrasta o seu destino e, despojado em um canto do Universo, sofre ou se alegra, canta ou chora, e algumas vezes sofre cantando ou chora na alegria. Exalta sua grandeza e arrasta a sua miséria. Pensa em si mesmo, pensa em seus semelhantes e se comunica com eles. Conhece nele e no mundo o problema e o mistério. Ama, procria e morre. Mas, depois de sua morte, deixa no mundo algo mais que um corpo perecível. Deixa a história única e irrepetível de seu destino pessoal e uma mensagem de emotividade que outro coração recolhe.

O amor espontâneo pelo outro nos leva à compreensão imediata do todo e promove com naturalidade a luta pela justiça social e a transformação do mundo. Amar o próximo é amar a sociedade. Falo do amor aos direitos humanos, o amor aos excluídos, aos diferentes e aos desfavorecidos. Depois, só depois, teremos condições de melhorar a educação, a saúde e a sociedade.

Quando digo isso sei que estou falando de uma sociedade ideal. Ela é a única que me interessa, a referência que me serve de bússola para saber por onde eu vou. Teilhard de Chardin dizia : "ainda bem que não existe a perfeição, porque assim a vida se torna um eterno caminhar no sentido dela". Só isso nos dá sentido. Saber que amanhã eu posso ser melhor. Este é o meu sonho, e se eu não sonho não tenho chance de realizá-lo.

Neste 14 de julho, eu peço licença para inverter a ordem do "Liberdade, igualdade e fraternidade", o lema que me inspira.

Fraternidade é um mundo sem muros, sem fronteiras, sem finitudes. Com ela nós fazemos a Igualdade, e com a Igualdade, que é a Justiça Social, finalmente seremos livres. Só assim, ao se constituir como um ser, só assim, o homem pode sair de si e voltar enriquecido da sua mediação com o mundo.

Nos meus discursos de posse na Academia Brasileira de Filosofia e no Pen Clube do Brasil fiz uma reflexão filosófica e literária sobre o sentido da relação interpessoal na vida.

Ontologicamente a vida do homem se contrapõe radicalmente ao ser de Parmênides. Este é estático, quieto, sem possibilidade de futuro, sempre idêntico, sem variação. É pois um ser sem tempo. A vida, pelo contrário, contém na raiz de sua estrutura ontológica, o tempo. A vida é o dinamismo do ser que já é e que, todavia não é, sendo projeção para o futuro e contínua variação.

A vida humana além de estar no tempo e de conter nela o tempo, é o tempo. O tempo é pois o que constitui a essência da vida humana, da pessoa como protagonista da realidade histórica. Viver, porém, não é só existir e sim existir de certa maneira. A vida humana é portanto interesse. Ao homem importa primeiro ser, existir e logo ser isto ou aquilo, ou seja “consistir”. Para ele a vida é ocupação, andar entre as coisas, planeja-las, fazer e agir com elas. Mas esta ocupação é antes de tudo “pré-ocupação”, ou seja, se ocupar com o futuro. É uma “preocupação preocupativa”. A vida é pois, preocupação com o que não existe, com o futuro, para acabar sendo ocupação com o que existe, o presente. Assim o homem lançado no mundo se encontra em situações vitais que trazem problemas a ele e que em sua condição de “ser livre” deve resolver, escolhendo seu caminho. Está na natureza, pertence a ela, mas emerge dela, não estando submetido inteiramente a ela, posto que a enfrenta, a supera e a vence. Por isso para o homem a vida não se dá por feita. Tem que fazê-la por ele mesmo, onde elabora livremente em cada momento, escolhe

continuar vivendo e como continuar vivendo pelo conhecimento e ação. Mas o homem é um ser relacional. O homem tem uma intenção como a consciência em Brentano. O homem não pode ser senão como “sendo no mundo”, como nos diz Heidegger. Viver é estar no mundo o qual deve ser concebido como fenômeno unitário, ou seja, que não vivo independente das coisas nem as coisas se dão independente de mim.

E como já afirmou Ortega y Gasset “eu sou eu e minhas circunstâncias”.

O homem, além de estar aberto as coisas, está aberto aos outros homens, de modo que existir é “ser com os outros”. Na afirmação do eu, diz Gabriel Marcel, o tu está incluído como ressoador, testemunho, refugio, rival, adversário. Este tu se introduz na órbita existencial do eu em vista de sua capacidade de responder a nossa mensagem existencial. O estar conosco, esse ser diálogo é o que faz possível a

linguagem. O homem não fez a linguagem, senão que é homem pela linguagem.

Como disse no início, o que me levou a essas reflexões são os fatos que ocorrem ao meu redor, ao nosso redor e que são fatos preocupantes. Assistimos imperar a mediocracia no lugar da meritocracia. O populismo no lugar do trabalho sério e competente, em que as posições são alcançadas pelo apadrinhamento e artifícios da lei, e a todo momento o saber, a competência e a conduta honesta são burlados. Assim, optar por um sistema de mérito, de esforço e de trabalho, é ter coragem. A ideia central da meritocracia é a persistência de desigualdade e hierarquias, funcionalmente necessárias, cuja distribuição se realiza de tal maneira que se aproveita de modo ótimo os recursos humanos básicos da sociedade. As posições são atribuídas aos indivíduos de acordo com suas qualificações e competência. A herança, o oportunismo, o acaso, o apadrinhamento são completamente substituídos pela conquista para que se possa distribuí-la na forma de justiça social.

Lembrai-vos que só os medíocres São populares, dizia o autor de Retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde. Os que fazem da publicidade malsã, a trombetas de suas discutíveis conquistas só deixam arruído e nada mais. Cessada a auto propaganda, desaparecem na névoa do tempo. O medíocre foge do obstáculo pois se atemoriza com ele, não tendo sido feito para viver a vida de frente. Lendo Sêneca, aprendemos que a virtude tem fome das dificuldades e delas sustentam sua glória.

A Academia precisa cada vez mais sair para o mundo. Precisa derrubar os muros e se deixar consolidar como instituição científico-cultural na área médica para o país e para o povo brasileiro. Ela mantém seus objetivos pioneiros, de contribuir para a pesquisa, a discussão e o aperfeiçoamento das práticas da medicina, cirurgia, saúde pública e ciências afins. Serve ainda como órgão de consulta do governo sobre questões de saúde e de educação médica. Estamos bem, estamos fortes, mas queremos ir além.

Jamais seremos a instituição apenas de uma elite importante em busca da satisfação de seus projetos pessoais. A comunidade científica tem uma responsabilidade em todo o papel de Justiça Social. Na Medicina isso se traduz em acesso à saúde para todos.

A Academia é um desses organismos que pelo seu papel histórico e sua representatividade no meio científico, no meio político, no meio cultural, no meio profissional, tem que ser cada vez mais consciente da necessidade de não atuar somente intramuros. Ela precisa sair extramuros também. Pode exercer esta tarefa através dos mecanismos que já possui: a sua representatividade em órgãos de aconselhamento a governos, a representatividade em órgãos científicos e de pesquisas. Sem falar na extraordinária importância das pessoas que a compõem, líderes de opinião e formadores de recursos humanos para a Saúde.

Não somos só o chá das quintas-feiras, mas aquilo a que o Imperador nos convocou: um núcleo importante de pensar a

Medicina. Podemos ajudar a Universidade, às vezes bloqueada por questões burocráticas, a complementar seu currículo. Podemos ajudá-la a pensar onde vai dar essa civilização de especialistas da ciência, essa geração produzida pela associação da Universidade e do mercado.

Temos realizado com méritos essa missão que o Imperador nos delegou há 188 anos. Pensar a Medicina. Atualizá-la. Recentemente, a Academia propôs posturas relevantes ao governo em relação ao combate às epidemias de dengue, Zika e Chikungunya. A Academia tem participado, em parceria com agências de fomento à pesquisa, do desenvolvimento de estudos que possam servir à população brasileira. Somos atuantes no aconselhamento a projetos de Saúde Pública que afligem o Brasil, assim como levamos nosso pensamento crítico a um recente e importante simpósio sobre a judicialização da Medicina.

O que essa judicialização pode trazer de bom e de ruim para o médico e o doente? Hoje em dia há casos em que o cliente só

consegue um remédio se entrar na Justiça. O médico passou a ter um outro *player* entre ele e o paciente. O que era uma relação de segredo, de intimidade, hoje tem advogado de um lado, advogado do outro, e o médico tem que tomar cuidados que antes não estavam em sua linha de preocupações.

Como é que essa judicialização se reflete no ato médico hoje em dia? Será que o médico, por lidar com uma profissão que não é exata, ele tem direito a uma liberdade que outros, que lidam com uma ciência exata, não têm? Ao construir uma ponte, um engenheiro não pode errar um cálculo. Lidar com a vida humana não é uma tabela matemática sujeita a leis imutáveis da Física. Ela obedece a leis que nós nem conhecemos em toda sua complexidade. A medicina, apesar de ser Ciência, é como dizia Hipócrates: é Ciência na sua elaboração e arte na sua execução. Baseia-se, segundo ainda ele, num tripé: “curar, quando possível. Aliviar, quase sempre. Consolar, sempre”.

São questões recentes, desses tempos ainda em formatação, e, da mesma maneira que discutimos as implicações dessa judicialização sobre a medicina, temos colaborado na avaliação do Sistema Único de Saúde e do que decorre do seguro saúde. É o nosso papel. Quando D. Pedro criou a Academia não existia Ministério da Saúde. Foi exatamente para aconselhar o país no enfrentamento de seus problemas de Saúde que surgimos.

O papel da Academia hoje é ainda mais complexo. Continuamos presentes na assistência das velhas necessidades, ao mesmo tempo que nos mantemos atentos diante da urgência de adequar o pensamento e os projetos da Medicina a um mundo em transformação. As novidades acontecem em proporção exponencial. Quando falo em Ciência hoje, posso já estar sendo passado. Vivemos na Medicina a época do Trans-Humanismo. O Homem está virando um ser híbrido. Uma parte dele, de carbono perecível, *de* curto prazo, e uma outra parte que prolonga sua vida a prazos cada vez mais elásticos.

Vivemos a era dos *medical devices*, das próteses, dos stents, dos implantes de microchips que se faz pelo corpo inteiro. Há empresas em condições de produzir 150 mil tipos desses *medical devices*. Substituem qualquer peça do seu corpo. Olho, ouvido, nervo, quadril, ombro. Coloca nanomoléculas dentro do cérebro pra corrigir depressão, nanomarcapasso pra corrigir Parkinson - e todo um imenso arsenal de milagres tecnológicos que garantirão uma idade média de vida acima de 100 anos. Como nos comportar - sabendo que a idade média da população brasileira estava em 35 anos no século passado e hoje beira os 70? Quais são os limites do homem para ampliar esses prazos de vida?

O médico moderno precisa estar cientificamente informado dos recursos revolucionários ao mesmo tempo que não pode prescindir de velhas questões filosóficas. E se o doente não quiser viver tanto?

É um mundo de preocupações absolutamente inéditas onde, muitas vezes, o paciente chega ao consultório mais informado

que o próprio médico. Ele já fez o diagnóstico, já chega com o tratamento, pois consultou na internet dezenas de sites dos maiores especialistas do mundo. Como lidar com isso? Como lidar com a telemedicina que hoje está sendo normatizada no mundo? Você pode, daqui, operar alguém no Japão - mas pode-se dar consulta à distância? O Brasil ainda não regulamentou isso. E o prontuário eletrônico? Era mantido sob sigilo, sob minha guarda única, e agora, como preciso dividi-lo com o cliente, é preciso ter mais cuidado com o que escrever nele.

O médico já foi o senhor absoluto de toda a decisão do seu processo profissional. Agora ele não pode mais prescindir da interação com o doente e com a sociedade. As perguntas substituem as respostas.

É um dos nossos trunfos. Somos brasileiros. Vivemos fazendo perguntas em busca de respostas para nossos problemas e curiosidades. Será sempre assim, e isso é bom. Eu me defino com um homem do mundo e em seguida como um homem que

faz perguntas sobre este mundo. Não paro de fazê-las. A ciência também é assim. Freud ensinou que a patologia não é só aquilo que você vê, mas o que você ouve quando pergunta: " "de onde que você veio?", transformando a patologia geral de visual e sensorial em discursiva.

Chego à Presidência da Academia com muitas perguntas e ansioso para coletar as respostas, avaliá-las e praticá-las com a ajuda de todos. Eu me transformei neste momento em presidente não por um desejo. Sempre achei uma glória, tive momentos em que seriamente pensei nessa possibilidade. Cogitei da honra do cargo. Afinal, por esta casa já passaram gênios nacionais como, Carlos Chagas, Miguel Couto, Ivo Pitanguy e tantos outros nomes da ciência. Pensava na presidência, sim, mas, sempre em silêncio, declinava humilde das minha pretensões. Em função das ocupações de uma intensa vida de compromissos nacionais e internacionais, eu não tinha como me organizar até mesmo para uma campanha. Acalentava o sonho, ao mesmo tempo que sempre adiava o dia de declarar a todos o meu interesse em realizá-lo.

Desta vez não pude mais postergar.

Aceitei, fui eleito e quero fazer aqui uma confissão. Sempre que me ocorre algo desse tipo, eu penso que é o universo conversando comigo. Jacques Monod, o grande Prêmio Nobel Francês, escreveu um célebre ensaio, "Le hasard et la nécessité" ("O acaso e a necessidade", como foi publicado no Brasil). Nele, como vários outros cientistas, defende a tese de que o universo todo é fruto do acaso. Hoje, a ciência está mostrando que não. É fruto de leis extremamente rígidas. Caso saíssem um milímetro daquela ordem, nada disso em que estamos envolvidos teria sido possível. Também estou de acordo. Nada acontece por acaso. Jung estudou isso, chamou de sincronicidade, os fenômenos que coincidem. Aldous Huxley foi no mesmo caminho e escreveu as razões da coincidência, mostrando que não existe coincidência coisa nenhuma.

Eu aceitei a convocação para presidir a academia em meio a essa sincronicidade misteriosa de acontecimentos, e fui eleito.

Isso me trouxe uma responsabilidade enorme. A convocação para essa missão traz entre outras dificuldades a de substituir no cargo um presidente exitoso.

Eu herdo a Academia das mãos do dr. Francisco Sampaio. Vou suceder um presidente extraordinário, um reconhecimento que se faz unânime entre os pares desta casa. Parto para esse desafio enorme de tentar uma gestão pelo menos igual.

O dr. Francisco Sampaio modernizou a Academia. Fazia de tudo. Trata-se de um grande cientista, como já era sabido, mas revelou-se um grande gestor, um *entrepreneur* moderno. Rendo-lhe esta homenagem neste dia em que tenho a honra e a coragem de sucedê-lo. Aproveito também para saudar seus antecessores imediatos, o dr. Pietro Novelino e o professor Marcos Moraes, aqui presentes que pavimentaram este processo para o sucesso da gestão que hoje termina.

Pretendo continuar todos os projetos já em andamento, todos muito bem executados. Se possível, aumentar-lhes o alcance.

Estou comprometido em inaugurar o Centro da Memória Médica, um projeto extramuros, moderno, voltado para o compartilhamento de informações com a sociedade e o consequente aperfeiçoamento do país. O desafio desse Centro da Memória Médica é ser mais um fator de ligação entre a História da Medicina e a que continua a ser feita. Queremos chegar a multidões de usuários, compartilhar um acervo precioso.

Digo isso com objetividade, não como quem faz um discurso black-tie. Isto é uma convocação ao trabalho. Eu me defino como um chefe de orquestra. Eu pretendo fazer uma gestão tipo parlamentarista.

Sei que todos os membros são muito ocupados e a Academia trata-se de um agremiação sem fins lucrativos. Mas, como novo chefe dessa orquestra, quero convocar a todos para que doem uma parte do seu tempo em prol desta instituição a que tanto consideramos. Temos uma centena de mentes brilhantes. Dentro do meu sistema de gestão, em que o

compartilhamento é essencial, gostaria de ver essas inteligências privilegiadas colaborando.

Pretendemos criar uma tarde cultural na academia e conto para isto com todos e também com os que não são dos nossos quadros. Convidaremos nossos ilustres colegas de outras academias, os escritores imortais, os filósofos imortais, etc., os membros do Instituto Histórico e Geográfico, os professores da Escola de Música e conversaremos sobre o papel das suas profissões na Saúde - e o que podemos fazer juntos para que tenhamos um quadro melhor no Brasil.

Nada do que pretendo aqui terá apenas o fito de acrescentar glória à minha biografia, embora seja um dos momentos mais especiais dela. Não é, a propósito, qualquer mérito próprio e especial aceitar essa posse como uma convocação. Quero acrescentar serviço e dedicação à causa que D. Pedro já havia colocado como os princípios básicos da fundação da então Academia Imperial de Medicina. Será extenuante, mas será bom, pois trabalharei junto com este incrível exército que

temos em nossas linhas, um batalhão feito exclusivamente de generais, todos perfilados com a arma benigna de suas inteligências em favor do país.

O Brasil é um país em construção. É um país que tem populações vivendo em distintas eras do desenvolvimento da civilização. Há necessidades de saúde muito heterogêneas. De alguma maneira, cada cidadão tem a obrigação de participar desse processo. Não é só o governo. As instituições científicas e culturais da área de Saúde têm uma participação maior ainda. A nossa Academia Nacional de Medicina, a mais antiga de todas essas instituições, tinha como missão assessorar o Imperador em todos esses temas, como se fosse um Ministério da Saúde. Era um país que surgia. Não havia sequer faculdades de Medicina naquela época e a Academia, autorizada pelo Imperador, tomou para si este papel. Hoje o país e o mundo mudaram.

Estamos naquele momento que Edgard Morin definiu em sua "Autocritique" como "civilização global". Os problemas e

seus desenredos só podem ser compreendidos nessa escala. O Brasil mudou, virou esse gigante, e tudo poderia dar a entender que a Academia perdeu o papel. Não, não perdeu. Não perde o papel um velho chefe de família, que, estando lúcido, tem obrigação de participar, não mais com o trabalho físico, a energia de um jovem, mas com a capacidade mental, psicológica. Não somos seres só de carbono. Há quem transforme essa crença em religião. Eu prefiro argumentar do ponto de vista científico. O médico de uma Academia de Medicina tem essa missão, que não é uma missão somente material, mas uma missão intelectual, psicológica, científica e cultural. Temos uma responsabilidade fundamental, com a Justiça Social. E não haverá nunca Justiça Social no mundo enquanto não houver o direito ao acesso à Saúde igual a todos. Estamos sonhando? Sim, estamos. Temos que sonhar, precisamos sonhar. Se não sonharmos, a realidade não passa. Pode ser que às vezes, como agora, o sonho pareça impossível. Mas eu já tenho idade suficiente para saber - nada o é. Tudo que pensamos é possível.

Uma gestão de dois anos talvez seja apenas mais um tijolo desta construção, mas vamos colocá-lo. As pirâmides levaram séculos para serem feitas. Quem botava uma pedra numa delas, já tinha morrido há muito quando de sua conclusão. Não há pedras mais importantes quando se está diante de uma grande obra. A Academia tem como missão colocar suas pedras nessa pirâmide que pretendemos monumental no futuro, para que seja por todos admirada, visitada e respeitada pelos séculos afora.

Estamos, nós da Academia, em pleno processo de participar dessa obra - difícil, custosa, mas da qual não desistiremos. Ajudar a construir nosso país, e é dessa pirâmide que estamos falando, é nossa missão. Temos um povo maravilhoso, e eu digo isso depois de passar a vida dirigindo organismos internacionais e ter trabalhado com e para 200 países, um povo maravilhoso formado a partir da graça da mistura de raças e culturas. Precisamos participar com ele, e para ele, da transformação científica para a qual o Imperador nos destinou.

Tenho orgulho de nossa gente, e não me espanto com as infundáveis notícias de crises. Elas chegam, passam, chegam novamente, e novamente serão combatidas. O universo foi feito de crises, de violências - afinal começamos com a explosão do Big-Bang. Pode parecer violento para o ser humano, mas as crises mostram de alguma maneira que às vezes é necessário o inusitado, o inesperado, para se criar alguma coisa para superá-las. Nietzsche dizia que é necessário viver a angústia de algum caos para se criar uma estrela. Desde de criança e adolescente, descobri viver num país em constante crise. O Brasil vai em frente.

Precisamos das pessoas, e as temos, extraordinárias.

É uma nação de gente extraordinária e quero reafirmar aqui a minha esperança. Já foi o país do futuro, chegou a ser o país do presente e hoje é o país da crise. Vencerá esta, como venceu outras e tornar-se-á um dia um dos maiores do mundo. Não me perguntem quando. O que importa é dar razão ao poeta: “o caminho faz-se caminhando”.

A Academia pode parecer a alguns apenas um caminho confortável ao passado, para se prender nele e dizer “nós fomos Academia Imperial”. Somos uma Academia de Medicina, temos uma História e é importante que reflitamos sobre ela, porque como dizia Martin Luther King: “se não sabemos quem fomos, não sabemos quem somos e não sabemos quem seremos”. Santo Agostinho, em suas "Confissões", completa: “o tempo é um só - o presente do passado, o presente do presente, o presente do futuro”.

Eu e minha diretoria assumimos a Academia Nacional de Medicina, essa obra magnífica de quase dois séculos, para o esforço que a todos nós enche de júbilo, o de colocar mais uma humilde pedrinha em sua construção. Ela tem que ser colocada com muita responsabilidade, com muito conhecimento, com muita abnegação. Será o nosso objetivo. Deixarei de lado compromissos importantes, sei que terei a agenda profissional abalada pelas novas funções que agora assumo - mas não titubeio. Sigo os ensinamentos de Albert Schweitzer: "Não há heróis da ação e sim da renúncia. A

verdadeira grandeza do homem não está naquilo que ele faz, mas sim naquilo que ele é capaz de deixar de fazer''

Tenho certeza que, com o grupo maravilhoso que compõe comigo a Diretoria, seguindo o princípio da unidade dentro da diversidade, não decepcionaremos o presidente que me antecedeu e os presidentes que nos antecederam. Agradeço a todos pela confiança depositada em mim.

Tardamente percebo que me aventurei em prolixas elocubrações, mas se diminuta é a voz, grande é o motivo.

Neste momento de muita emoção é inevitável deslizar ao passado e lembrar da figura de meus pais, de quem recebi os primeiros incentivos da busca afetiva e intelectual. Foram importantes semeadores do meu espírito. Tenho a muitos que agradecer neste momento. Minha irmã, meus professores que desde a infância me iniciaram no mundo da leitura e da ciência, o que se transformou logo nas minhas grandes paixões de vida. Agradeço aos amigos, companheiros, colegas, funcionários, colaboradores e anônimos. Eles me provaram

que a obra solitária, que exclui a participação ativa da consciência crítica, é algo estéril e inexpressiva.

Faço um agradecimento especial a minha mulher, Mirian, e aos nossos filhos, Marcelo, Beatriz, Felipe, Gabriel, Julia, Beatrice e Luiza e meus netos, Maria Eduarda, João Pedro, Ana Beatriz, Gustavo e Leonardo, não só pela paz que me proporcionam, como pelo afeto e compreensão, que me servem de alimento do espírito.

A todos, o meu muito obrigado por terem me trazido até aqui.

Chego ao cargo máximo desta Academia, a que tanto amamos, não para concluir uma vida, mas para começar nova etapa. É um momento difícil da História e esta essa tem profundos compromissos com ela. Bertrand Russel advertia que nunca houve momento histórico no qual o concurso do pensamento e da consciência individual fosse tão necessário e importante para o mundo, como os nossos dias.

A Academia tem o compromisso com a imortalidade.

Imortalidade é pensar que nós, como Academia, sempre

estaremos aqui – não como pessoas, mas como Academia e como memória. A imortalidade é um compromisso com o futuro. Os construtores do futuro são homens que sabem do compromisso não com a temporalidade, mas com a “intemporalidade”. Nunca veremos o final disso. Não estamos num filme de duas horas de duração. Fazemos parte de um processo que nem conhecemos, de um processo cósmico, de um projeto de uma eternidade misteriosa a que talvez não conheceremos jamais em sua plenitude - mas nós temos que ter consciência que participamos dele em todas as dimensões.

O Brasil é um país que, por ser jovem, ainda é tímido no respeito à História. Aos poucos, no entanto, percebemos que se destruímos a História, nós perdemos nossa identidade, perdemos nossas raízes. As Academias são exemplos de que as raízes são fundamentais para a árvore crescer, dar flores, dar frutos. É o que pretendemos. Alimentar pessoas e dar sementes de esperança para que da árvore do futuro nasça uma humanidade mais feliz.

